

MORTALIDADE POR HIV/AIDS EM INDÍGENAS DO ESTADO DE RONDÔNIA NO PERÍODO DE 2010 - 2019

MORTALITY BY HIV/AIDS IN INDIGENOUS PEOPLE OF THE STATE OF RONDÔNIA IN THE PERIOD FROM 2010 TO 2019

LUANA CRISTINA MOURA DE **SOUZA**¹, VITÓRIA DE OLIVEIRA **PISSINATI**¹, SAMUEL VICTOR DIAS **EVAIR**¹, ARTHUR MICHAEL SATO **RABAIOLLI**¹, FERNANDA NATIELI DA SILVA **BALIEIRO**¹, ALEXANDRE ZANDONADI **MENEGUELLI**^{2*}

1. Acadêmicos (as) do curso de Graduação do curso Medicina da Faculdade de Medicina de Ji-Paraná; 2. Doutor em Biotecnologia pela Universidade Católica Dom Bosco – UCDB – MS. Professor na Faculdade de Medicina de Ji-Paraná e Centro Universitário Estácio de Ji-Paraná.

* Rua Norte Sul 268, Park Amazonas Ji-Paraná, Rondônia, Brasil. CEP: 76907-161. meneguelli.azm@gmail.com

Recebido em 06/01/2023. Aceito para publicação em 15/01/2024

RESUMO

A transmissão e a infecção pelo HIV é um problema global que afeta indivíduos de diferentes etnias, culturas e classes sociais, sendo transmitido por diversas formas, incluindo relação sexual e amamentação. A população indígena é uma das mais vulneráveis devido a fatores socioeconômicos e de exclusão social, o que resulta em elevadas taxas de infecção pelo HIV. Poucos dados estão disponíveis sobre a dimensão da infecção pelo HIV entre os povos indígenas no Brasil. Este estudo tem como objetivo avaliar a taxa de mortalidade dos indígenas por HIV/AIDS no estado de Rondônia. Foram registradas 11 mortes relacionadas ao HIV/AIDS no período de 2010 a 2019, do sexo feminino quanto masculino, sendo a maioria em mulheres e no município de Porto Velho. O ano com o maior número de óbitos foi 2013. A vulnerabilidade dos povos indígenas à contaminação pelo HIV, está relacionada as condições de vida precárias, baixo nível socioeconômico, educacional, dificuldades de acesso aos serviços de saúde e a discriminação social. No entanto, ainda há poucos dados sobre o impacto do HIV entre eles.

PALAVRAS-CHAVE: HIV/Aids, indígena, mortalidade.

ABSTRACT

HIV infection is a global problem that affects individuals of different races, cultures, and social classes, and is transmitted in a variety of ways, including sexual intercourse and breastfeeding. The indigenous population is particularly vulnerable due to socioeconomic factors and social exclusion, which results in high rates of HIV infection. Little data is available on the extent of HIV infection among indigenous peoples in Brazil. This study aims to evaluate the mortality rate of indigenous people due to HIV/AIDS in the state of Rondônia. There were 11 deaths related to HIV/AIDS in the period from 2010 to 2019, most of them in women and in the municipality of Porto Velho. The year with the highest number of deaths was 2013. The vulnerability of indigenous peoples to HIV contamination is related to precarious living conditions, low socioeconomic and educational levels, difficulties in accessing health services and social

discrimination. However, there is still little data on the impact of HIV among them.

KEYWORDS: HIV/Aids, indigenous, mortality.

1. INTRODUÇÃO

O Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), o qual é um desafio para a saúde até os dias atuais, foi reconhecido no ano de 1981, tornando-se um problema global que atinge todos os tipos de pessoas, sobressaindo-se em alguns grupos populacionais específicos, tais como usuários de drogas injetáveis, homens que têm relação sexual com homens e trabalhadores(as) do sexo¹.

A transmissão do HIV ocorre por meio de fluídos (sangue, sêmen, leite materno) contaminados; principalmente através de relações sexuais desprotegidas no qual tenha uma pessoa infectada, transmissão vertical (durante a gravidez ou amamentação), o compartilhamento de agulhas e seringas contaminadas². É classificado como uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST), pois após contato com o patógeno, pode-se transmitir, havendo ou não quadro clínico, até o diagnóstico de marcadores virais ou antivirais³.

A infecção é caracterizada como aguda nas primeiras semanas, quando está ocorrendo a multiplicação abundante do HIV nos tecidos linfóides. Nesse estágio, a pessoa torna-se elevadamente infectante. O HIV é acompanhado por um grupo de evidências clínicas, a Síndrome Retroviral Aguda (SRA). As principais manifestações são febre, fraqueza, linfadenopatia, erupção cutânea, cefaleia, faringite e dor muscular. A síndrome pode seguir com sudorese, febre elevada e linfadenopatia. Outras manifestações clínicas que podem ocorrer são: anorexia, esplenomegalia, letargia e depressão. Também são evidentes sintomas digestivos, tais como, vômitos, diarreia e perda de peso^{4,5}.

As infecções causadas pelo HIV existem em todos os países do mundo, e sendo o Brasil um país continental com estilos de vida, costumes, etnias e culturas muito diferentes. O combate à AIDS só se revelará uma porta de entrada efetiva numa perspectiva geral de prevenção, controle e erradicação, ao observar as características da disseminação dos casos de doença na região do país, ou seja, suas características epidemiológicas, o grau de acometimento da doença⁶.

Em 1988 foi detectado o primeiro caso de infecção pelo HIV em indígenas, no Brasil. Porém, o estudo a respeito do assunto em território indígena foi realizado apenas dez anos depois, em 1998⁷.

As populações indígenas enfrentam inúmeros desafios no que diz respeito à saúde, com epidemias de doenças contagiosas, incluindo a infecção pelo HIV, tendo um impacto significativo e duradouro em suas vidas, principalmente os não tratados. Em comparação com a população não indígena, há uma alta prevalência de doenças nutricionais, doenças crônicas não transmissíveis e infecciosas e parasitárias entre os povos indígenas^{8,9}. Vários fatores contribuem para a vulnerabilidade dessas populações ao HIV, incluindo o colonialismo, discriminação racial, segregação social e barreiras no acesso aos serviços de saúde^{10,11}. Esses fatores são evidenciados pelas altas taxas de detecção do HIV entre os povos indígenas¹¹.

No Brasil, até o momento não há dados suficientes para avaliar a dimensão da infecção pelo HIV/AIDS entre a população indígena. Pesquisas demonstram alguns fatores de risco que levam há uma condição de vulnerabilidade, tais como: posições socioeconômicas desvantajosas, baixa escolaridade e o preconceito e exclusão existente desde a colonização brasileira¹². Outros estudos mostram elevadas prevalências de ISTs e disseminação de infecção pelo HIV em territórios indígenas localizados em áreas de fronteira e próximos aos centros urbanos¹³. Isso contribui com a mobilidade dos indígenas entre os territórios, colaborando com a interiorização do HIV⁷.

Por se tratar de uma problemática de saúde pública de notificação compulsória, justifica-se a relevância dessa pesquisa, a qual tem como objetivo analisar a taxa de mortalidade dos indígenas por HIV/AIDS no estado de Rondônia e o seu perfil epidemiológico no Estado de Rondônia entre os anos de 2010 e 2019.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Esse estudo descritivo analisou, através de dados de origem secundária, a taxa de mortalidade por HIV/AIDS em indígenas do estado de Rondônia no período de 2010 a 2019. Os dados foram coletados no Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) e Sistema de Informação e Agravos de Notificação (SINAN).

A amostra foi composta por todos os óbitos de indígenas registrados no SIM com causa básica de morte relacionada à doença pelo vírus da Imunodeficiência humana – HIV/AIDS no período de

2010 a 2019. Utilizou-se dados disponíveis na plataforma TABNET do DATASUS. Foram coletadas informações como o número total de óbitos, sexo, faixa etária (Menor 1 ano, 1 a 4 anos, 5 a 9 anos, 10 a 14 anos, 15 a 19 anos, 20 a 29 anos, 30 a 39 anos, 40 a 49 anos, 50 a 59 anos, 60 a 69 anos, 70 a 79 anos, 80 anos e mais, idade ignorada), escolaridade e município de residência. A análise dos dados realizou-se por meio de estatísticas descritivas.

Levando-se em consideração que os dados foram obtidos de uma plataforma de domínio público, no qual não há identificação dos participantes, esse estudo não foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme a Resolução nº 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

3. RESULTADOS

Etiologia

Existem 2 diferenciações do HIV: tipo 1 e 2. O tipo HIV-1 é mais prevalente no âmbito mundial e o HIV-2 é recorrente na África Ocidental, espalhando-se pela Ásia⁵. O HIV é um Lentivirus, pertencente à família Retroviridae, o qual deprime o sistema imunológico pois ataca em especial os linfócitos T CD4+, fazendo com que ocorra a sua diminuição, haja vista que as células infectadas morrem, seja por apoptose ou pelo ataque de linfócitos T citotóxicos CD8+. À medida que os linfócitos TCD4+ são destruídos, o organismo perde a imunidade mediada por células, desse modo, o indivíduo se torna cada vez mais vulnerável a infecções oportunistas^{2,14}.

Foram registrados no sistema de informação de mortalidade do Ministério da Saúde 11 (100%) óbitos relacionados ao HIV/AIDS no período de 2010 a 2019. A maioria dos óbitos ocorreram em mulheres (63,6%) e o maior número sendo no município de Porto Velho (63,6%). O ano com o maior número de óbitos foi 2013, com um total de 3 óbitos registrados podendo-se notar 3 anos sem registro, os quais são 2012, 2017 e 2018.

No estudo descritivo realizado, verificou-se que o ano de 2013 apresentou a maior incidência de óbitos por infecção de HIV/AIDS em indígenas no Estado de Rondônia, representando 27,3% do total de registros. Observou-se que todos os casos registrados nesse ano foram em mulheres. Por outro lado, no ano de 2016 foram registrados 2 casos (18,2%), sendo todos em homens, após dois anos consecutivos sem a detecção de óbitos, evidenciando-se a necessidade de uma maior atenção para com os povos indígenas, referente à infecção pelo HIV. Os demais anos não apresentaram uma incidência relevante de óbitos por essa infecção.

É possível observar que o município de Porto Velho apresentou o maior número de óbitos relacionados ao HIV/AIDS em povos indígenas durante o período analisado, com sete registros (63,6%), sendo que cinco destes (cerca de 71%), ocorreram no sexo feminino. Os demais óbitos foram distribuídos entre os municípios de Costa Marques, Guajará-Mirim, Jaru; e Pimenta Bueno, com um (1) óbito em cada município.

Tabela 1. Mortalidade por HIV/AIDS na população indígena do estado de Rondônia de 2010 - 2019, classificado por ano do óbito e sexo

Ano do Óbito	Masculino	Feminino	Total
2010	-	1	1
2011	-	1	1
2012	-	-	-
2013	-	3	3
2014	1	-	1
2015	-	1	1
2016	2	-	2
2017	-	-	-
2018	-	-	-
2019	1	1	2
Total	4	7	11

Nota: indica que não houve registros de óbitos no ano. **Fonte:** Brasil, 2023.

Tabela 2. Distribuição de óbitos por HIV/AIDS na população indígena nos municípios* do estado de Rondônia de 2010 a 2019, de acordo com o sexo

Município	Masculino	Feminino
Costa-Marques	-	1
Guajará-Mirim	1	-
Jaru	-	1
Pimenta Bueno	1	-
Porto-Velho	2	5
Total	4	7

Nota: - indica que não houve registros de óbitos neste sexo. **Fonte:** Brasil, 2023.

A Tabela 3 apresenta os dados de óbitos por faixa etária, levando em consideração todas as idades, abrangendo desde indivíduos menores de 1 ano, até aqueles com 80 anos e mais. Pode-se observar que a faixa etária entre 30 a 39 anos em mulheres indígenas apresentaram o maior número de óbitos relacionado a infecção HIV/AIDS, com 4 registros (57,1%). Nos indígenas do sexo masculino, o maior registro de óbitos por essa infecção atingiu a faixa etária entre 40 a 49 anos, correspondendo a 2 óbitos (50%).

A Tabela 4 relaciona os óbitos decorrentes da infecção pelo HIV de acordo com a escolaridade. É possível verificar que o maior número de óbitos ocorreu em mulheres indígenas com escolaridade de 4 a 7 anos, representando 4 registros (36,4%). Dois óbitos (18,18%), sendo um do sexo masculino e outro do sexo feminino, acometeram indígenas que nunca

frequentaram a escola. Além disso, em 3 casos (27,3%), o nível escolar não foi indicado.

Tabela 3. Distribuição de óbitos por HIV/AIDS na população indígena por faixa etária do estado de Rondônia de 2010 a 2019

Idade	Masculino	Feminino
10 a 14 anos	-	1
30 a 39 anos	-	4
40 a 49 anos	2	-
50 a 59 anos	1	1
60 a 69 anos	1	1
Total	4	7

Nota: indica que não houve registros de óbitos nesta faixa etária. **Fonte:** Brasil, 2023

Tabela 4. Distribuição de óbitos por HIV/AIDS na população indígena por escolaridade do estado de Rondônia de 2010 a 2019

Escolaridade	Masculino	Feminino
Nenhuma	1	1
1 a 3 anos	-	1
4 a 7 anos	-	4
8 a 11 anos	1	-
Ignorado	2	1
Total	4	7

Nota: - indica que não houve registros de óbitos de indígenas com essa escolaridade. **Fonte:** Brasil, 2023

4. DISCUSSÃO

A epidemia do HIV atinge diferentes idades e ambos os sexos em todo o Brasil. No entanto, com o passar dos anos, houve um aumento dos casos entre as pessoas de baixa renda e baixo nível de escolaridade¹⁵.

A incidência de mortalidade precoce é significativamente mais elevada entre a população indígena e afrodescendente no Brasil. Estudos apontam que as diferenças socioeconômicas, perpetuadas ao longo de sucessivas gerações, podem ser responsáveis por tais iniquidades em saúde. Adicionalmente, a epidemia de infecção pelo vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) apresenta uma distribuição heterogênea no território nacional, impactando negativamente a qualidade e expectativa de vida dos indivíduos portadores do vírus, os quais desenvolvem a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida¹⁶.

O impacto do HIV entre os povos indígenas ainda não é tão conhecido. No entanto, pesquisas têm evidenciado a maior suscetibilidade deles à contaminação do HIV, relacionada às piores condições de vida, baixo nível socioeconômico e educacional, impasses de acesso aos serviços de saúde e discriminação social⁷. Além desses fatores, existem dificuldades de acesso também às ações de prevenção,

o qual dificulta o conhecimento e o tratamento da doença¹⁷.

O baixo nível de escolaridade está associado com maior vulnerabilidade à contaminação pelo HIV. A escolaridade reflete no acesso às informações sobre a infecção e formas de transmissão e no conhecimento dos métodos que previnem a doença, além da importância do diagnóstico para o tratamento adequado¹⁸.

Os dados mostram que houve maior predominância entre as mulheres, evidenciando uma vulnerabilidade deste grupo. É válido lembrar que as mulheres apresentam distintas condições de saúde do restante da população feminina, pois muitas iniciam a vida sexual e são mães precocemente, além da baixa aceitação da utilização de preservativos, devido ao sistema machista atribuído a elas, que historicamente tiveram seus direitos reprimidos e recorridos tardiamente. Ademais, o fato de engravidarem cedo faz com que as mulheres sejam mais assistidas por profissionais de saúde, revelando uma possível negligência na detecção dos casos na população masculina. De acordo com esses dados, fica perceptível a necessidade de planos para o enfrentamento do HIV, considerando o arranjo das relações existentes entre a população indígena^{7,19}.

As dificuldades da detecção da infecção pelo HIV na população indígena do sexo masculino podem estar relacionadas à busca dos homens por trabalho fora do território indígena, almejando uma melhor condição financeira, a qual resulta na ausência deles nas aldeias, além da baixa procura e pouco interesse masculino pelos serviços e ações de saúde. Essa falta de diagnóstico contribui para a propagação da infecção pelo HIV, pois quando o indivíduo não tem conhecimento sobre a doença e não é sensibilizado pela equipe de saúde, há grandes chances de continuar com práticas sexuais sem prevenção, não tendo o cuidado de evitar a contaminação de outros²⁰.

Após análise da tabela fica claro que a capital do Estado de Rondônia, Porto Velho, por abrigar maior condição e nível de saúde, acaba também abrigando a maior parte dos óbitos desta infecção, a qual se não for tratada acaba sendo destruidora. Os casos mais graves da macrorregião são encaminhados à Porto Velho, para que haja a intervenção com maiores condições de seguir o tratamento e recuperação da saúde e acesso a maiores níveis de complexidade e tecnologia.

5. CONCLUSÃO

A infecção pelo HIV/Aids ainda representa um importante desafio à saúde pública no Brasil, apesar dos avanços em diagnóstico e tratamento.

O estudo descritivo da mortalidade por HIV/Aids em indígenas do Estado de Rondônia, no período de 2010 a 2019, identificou 11 óbitos e destacou a preocupante situação da saúde dessas comunidades, contribuindo ao abordar um tema pouco discutido na epidemiologia dos povos indígenas.

Os resultados revelaram que, embora numericamente reduzidos em relação a outras

populações do Estado, os indígenas apresentaram uma taxa significativa de óbitos, com prevalência maior em mulheres e com baixa escolaridade. Esses dados podem estar relacionados a diversos fatores, como condições socioeconômicas e culturais, que contribuem para a maior vulnerabilidade dessa população ao HIV. Além disso, a detecção de 2 óbitos no ano de 2019 após 2 anos sem registros, evidencia a necessidade de medidas para enfrentamento do problema, tais como ações efetivas de prevenção da transmissão e certificação do tratamento, as quais considerem e respeitem as especificidades dessas comunidades.

6. REFERÊNCIAS

- [1] Dantas MS, Angelim RCM, Abrão FMS, *et al.* Conjugalidade e representações sociais do HIV/AIDS pela equipe multiprofissional de saúde. *Revista Enfermagem Uerj*. 2016; 23(6):734-740. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2015.15672>.
- [2] Filho OJLD, Viana EC, Pessoa WG, *et al.* Manifestações orais em pacientes imunodeprimidos pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV): revisão da literatura. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*. 2021; 13(2):6034. *Revista Eletronica Acervo Saude*. <http://dx.doi.org/10.25248/reas.e6034.2021>.
- [3] Alves APB, Ramos BA. Vulnerabilidade a transmissão sexual do vírus da imunodeficiência humana (HIV): representações sociais de universitários indígenas do instituto insikiran de formação superior indígena. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*. 2019; 11(8):197. *Revista Eletronica Acervo Saude*. <http://dx.doi.org/10.25248/reas.e197.2019>.
- [4] Lopes AOL, Nunes IPB, Leão MR, *et al.* Aspectos epidemiológicos e clínicos de pacientes infectados por HIV. *Revista Brasileira de Análises Clínicas*, [S.L.]. 2020; 51(4):296-299. *Revista Brasileira de Análises Clínicas*. <http://dx.doi.org/10.21877/2448-3877.201900721>.
- [5] Lazzarotto AR, Deresz LF, Sprinz E. HIV/AIDS e Treinamento Concorrente: a revisão sistemática. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*. 2010; 16(2):149-154. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-86922010000200015>.
- [6] Villela WV, Barbosa RM. Trajectories of women living with HIV/Aids in Brazil. Progress and permanence of the response to the epidemic. *Ciênc. Saúde Colet*. 2018.
- [7] Nunes DAS, Silva AS, Oliveira MLF. Infecção pelo HIV/Aids em população indígena: estudo transversal. *Research, Society And Development*. 2022; 11(3):12711325985. *Research, Society and Development*. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i3.25985>.
- [8] Polanco JEP, Rodríguez IM, Tello KYH, *et al.* Tuberculosis care cascade for the indigenous population in Colombia: an operational research study. *Revista Panamericana de Salud Pública*. 2021; 45:1. Pan American Health Organization. <http://dx.doi.org/10.26633/rpsp.2021.20>
- [9] Lana RM, Codeço CT, Santos RV, *et al.* Vulnerabilidade das populações indígenas à pandemia de Covid- 19 no Brasil e os desafios para o seu monitoramento. *Covid-19 no Brasil: cenários epidemiológicos e vigilância em saúde*. 2021; 127-142.

- Série Informação para ação na Covid-19 - Fiocruz.
<http://dx.doi.org/10.7476/9786557081211.0008>.
- [10] Teixeira TRA, Gracie R, Malta MS, Bastos FI. Social geography of AIDS in Brazil: identifying patterns of regional inequalities. *Cad Saúde Pública*. 2014.
- [11] Negin J, Aspin C; Gadsden T, *et al.* HIV Among Indigenous peoples: a review of the literature on hiv-related behaviour since the beginning of the epidemic. *Aids And Behavior*. 2015; 19(9):1720-1734. Springer Science and Business Media LLC.
<http://dx.doi.org/10.1007/s10461-015-1023-0>.
- [12] Santos NTN, Silva SPC, Fernandes FECV, *et al.* Perfil epidemiológico de casos HIV/Aids cadastrados em Serviço Ambulatorial Especializado. *Revista Eletrônica Gestão & Saúde I, Brasília*. 2019; 2:81-97.
- [13] Benzaken AS, Sabidó M, Brito I, *et al.* HIV and syphilis in the context of community vulnerability among indigenous people in the Brazilian Amazon. *International Journal For Equity In Health*, [S.L.]. 2017; 16(1):92-101. Springer Science and Business Media LLC.
<http://dx.doi.org/10.1186/s12939-017-0589-8>.
- [14] Neto LFS, Perini FB, Aragón MG, *et al.* Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: infecção pelo hiv em adolescentes e adultos. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*. 2021; 30(1):1-13. FapUNIFESP (SciELO).
<http://dx.doi.org/10.1590/s1679-4974202100013.espl>.
- [15] Pereira AL, Silva LR, Palma LM, *et al.* Impacto da escolaridade na transmissão do hiv e da sífilis. *Revista Interdisciplinar Ciências Médicas*. 2022; 1(6):19-23.
- [16] Melo MC, Mesquita FC, Barros MBA, *et al.* Sobrevida de pacientes com aids e associação com escolaridade e raça/cor da pele no Sul e Sudeste do Brasil: estudo de coorte, 1998-1999*. *Epidemiologia e Serviços de Saúde, Brasília*. 2019; 28(1):1-12. FapUNIFESP (SciELO).
<http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742019000100012>.
- [17] Oliveira FG, Oliveira PCP, Oliveira RNBF, *et al.* Desafios da população indígena ao acesso à saúde no brasil: revisão integrativa de literatura. *Research, Society And Development*. 2021; 10(3):47710313203. Research, Society and Development.
<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i3.13203>.
- [18] Graeff SVB, Pícolli RP, Arantes R, *et al.* Epidemiological aspects of HIV infection and AIDS among indigenous populations. *Revista de Saúde Pública*. 2019; 53:71. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA).
<http://dx.doi.org/10.11606/s1518-787.2019053000362>.
- [19] Nóbrega RG, Oliveira NA, Lima EAR, *et al.* Prevenção do HIV sob o olhar de mulheres indígenas potiguaras*. *Revista de Enfermagem da Ufsm*. 2020; 10:1-23. Universidad Federal de Santa Maria.
<http://dx.doi.org/10.5902/2179769241396>.
- [20] Graeff SVB, Pícolli RP, Arantes R, *et al.* Evolução da infecção pelo HIV entre os povos indígenas do Brasil Central. *Cadernos de Saúde Pública*. 2021; 37(12):1-13. FapUNIFESP (SciELO).
<http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00062920>.